

Discutindo a possibilidade da inserção do agente literário na história do livro

RODRIGO CONÇOLE LAGE

Especialista em História Militar (UNISUL), Graduando em História (UNIFSJ)

E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br



Resumo: O objetivo desse artigo é discutir a inserção do agente literário como objeto de estudo da História do livro. Para isso, adotamos o conceito de circuito das comunicações, elaborado pelo historiador Robert Darnton. Discutiremos a possibilidade de inserir o agente literário dentro desse circuito. Com essa finalidade, dividimos nosso trabalho em duas partes. Na primeira, apresentamos a origem dessa profissão e examinamos as suas tarefas e a questão do pagamento. Na segunda, discutimos alguns tópicos que podem ser abordados por aqueles que desejam estudá-los.

Palavras chave: Agente Literário. História do livro. Circuito de Comunicação.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the insertion of the literary agent as na object of study of the History of the Book. For this purpose, we adopt the concept of the communications circuit, elaborated by the historian Robert Darnton. We will discuss the possibility of bring him into this circuit. To this end, we divide our study into two parts. In the first, we present the origin of this profession, we examine his tasks and payment issues. In the second, we have discussed some topics that can be addressed by those who wish to study them.

Keywords: Literary agent. History of the Book. Communication circuit.

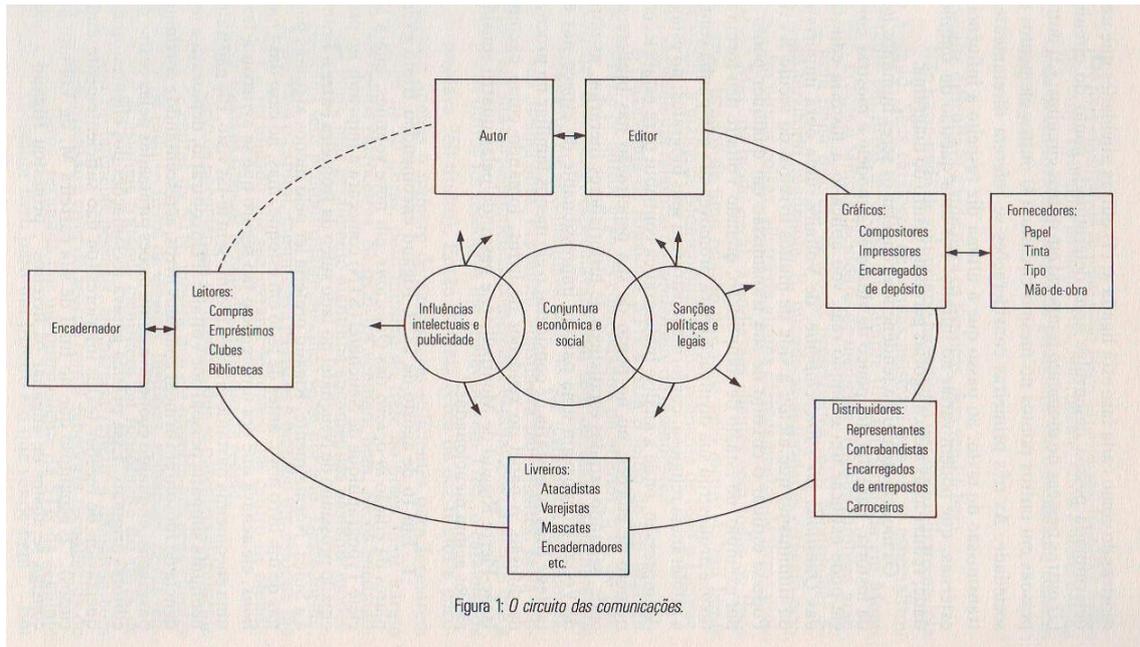
Considerações iniciais

Dentre os diferentes campos de pesquisa historiográfica, temos a chamada História do Livro. Segundo Darnton (2010, p. 123), “a História dos livros não começou ontem. Ela se estende até a cultura da Renascença, se não antes”. Tais pesquisas vão, no séc. XIX, levar ao crescimento da chamada bibliografia analítica, na Inglaterra. Nela, além dos elementos descritivos do documento, encontramos uma análise ou um resumo dele.

Na contemporaneidade, esse campo tem sua origem na Escola dos Annales, que defendia a busca de novos objetos de pesquisa: “[...] em 1952, em nota publicada na revista Annales, Lucien Febvre chamava a atenção dos historiadores sobre um domínio até então legado aos eruditos, colecionadores e especialistas em biblioteconomia ou em literatura: o livro”. (MOLLIER, 2004, p. 1).

Um dos historiadores responsável pelo desenvolvimento das pesquisas nessa área é o historiador norte-americano Robert Darnton. Ele parte do princípio de que o “objetivo da História do Livro é investigar como eles surgem e são difundidos na sociedade” (LAGE, 2015, p. 6). O caminho que a obra vai percorrer desde o momento em que o autor a escreveu, até chegar ao leitor na forma do livro propriamente dito, recebe o nome de circuito das comunicações, conforme diagrama a seguir.

Figura 1 – Circuito das comunicações



Fonte: Darnton, 2010, p. 127.

Observando esse diagrama, percebemos que o circuito de comunicação, tal como Darnton (2010) o descreveu, tem algumas limitações. Inicialmente, vemos que o historiador parte do princípio de que não há nenhum intermediário entre o autor e o editor. Isso é válido até a primeira metade do século XIX porque, posteriormente, teremos a presença do agente literário. Foi omitida também a presença do ilustrador, que tem grande importância porque envolve não só as ilustrações internas, mas também as das capas. Por fim, outra ausência que chama a atenção é a do tradutor, mas isso pode ter ocorrido por ter em mente só as obras nacionais, o que poderia exigir a elaboração de um circuito específico. Essas ausências não tiram o mérito do esquema.

Além disso, não podemos esquecer as transformações que, ao longo do tempo, o mercado editorial vai sofrer e o surgimento dos e-books. Isso irá envolver a participação de outros profissionais. Seja como for, nosso objetivo é contribuir para o preenchimento de parte das lacunas encontrada na esquematização elaborada por Darnton (2010). Para isso, iremos estudar a figura do agente literário, examinando o seu surgimento e sua participação dentro do circuito.

A origem e as funções do agente literário

Durante a maior parte da história, as relações entre os escritores e editores era feita de forma direta, como podemos ver pelas cartas trocadas entre Marcel Proust e o editor Gaston Gallimard (1993) ou as de Anton Tchekhov (2002) dirigidas a seu editor Aleksei Suvórin, entre outras. Não havia um profissional dedicado a intermediar as relações entre o autor e uma editora. Só no século XIX, nas décadas de 1850 e 1860, irão surgir os primeiros agentes literários, em Londres. Eles atuavam do modo informal e, inicialmente, seu papel não era exatamente o mesmo que exercem atualmente.

Em seu período inicial, o agente estava particularmente ocupado em obter contribuições para autores que escreviam em revistas e jornais, que se haviam tornado uma importante fonte de renda. Mais tarde eles passaram a se dedicar também ao suporte editorial e a servir como corretores junto às editoras. (KUITERT, 2016, p. 231).

Somente no final da década de 70, por volta de 1878, teremos o primeiro agente literário profissional tal como conhecemos hoje.

A. P. Watt, um escocês de Glasgow que começou sua carreira como um livreiro em Edimburgo antes de se casar com a irmã do editor Alexander Strahan e mudar para Londres para trabalhar como leitor de manuscritos e gerente de publicidade na editora de Strahan. Quando a empresa de Strahan passou por dificuldades em meados de 1870, Watt começou a trabalhar como editor de publicidade, um cargo que gradualmente evoluiu para um agente literário. (THOMPSON, 2010, p. 58, tradução nossa).

Watt vai ser o primeiro a atuar como intermediário entre autores e editoras, visando à publicação dos livros de seus clientes. Com o passar do tempo, além dos agentes que atuam individualmente, surgem as agências literárias, que podem ter um grande número de agentes ao seu serviço. Algumas delas, como a do norte-americano Andrew Wylie, podem chegar a representar centenas de escritores, de diferentes países. Contudo, não podemos esquecer que a atuação dos agentes e das agências varia de um país para o outro. Até porque o desenvolvimento do mercado editorial, em nível nacional e internacional, é muito diversificado. No caso do México, por exemplo:

México não é a exceção quanto à falta de agentes literários próprios e, pelo mesmo motivo, tem sido invadido por agentes estrangeiros, principalmente espanhóis, que frequentam as feiras de livros, como a de Guadalajara, em busca de autores nacionais e latino-americanos para promovê-los em lugares estratégicos onde têm grande aceitação. (CAMPOS, 2007, p. 269, tradução nossa).

Outra mudança importante foi o fato de que ocorreu um processo de ramificação e, atualmente, os agentes podem ser divididos em duas categorias: uma dedicada à

publicação de novos livros e à negociação dos direitos de adaptação para o cinema e para a televisão; a outra é voltada aos direitos de tradução:

O agente *primário* representa especialmente os autores em negociações com os editores e em quanto se refere aos direitos de filmagem. É esse tipo de agente que vemos nos EUA [...]. O subagente é aquele que atua como corretor no tocante a traduções e, posteriormente, entre os editores. O subagente tem pouco ou nenhum contato com os autores. (KUITERT, 2016, p. 232).

Modernamente, a função do agente se ampliou e, muitas vezes, ele vai realizar atividades que, originalmente, eram exercidas unicamente pelos editores:

O agente lê originais, fazendo o que costumava ser o trabalho dos editores, e procura estar sempre atualizado sobre o mercado de livros, participando das principais feiras internacionais de livros e de outros eventos do mercado editorial. É ele o profissional que conhece esse mercado e tem condições técnicas de escolher, entre centenas, os melhores editores para cada tipo de obra. (GOMES, 2005, p. 100).

Durante muito tempo, a seleção dos livros a serem publicados seguia dois caminhos. No primeiro, o editor selecionava uma obra seguindo o perfil adotado pela editora. No segundo, o próprio autor enviava sua obra para a editora que ele considerasse mais apropriada. Com o passar do tempo isso mudou. Agora, é o agente literário que seleciona a editora para a qual vai enviar o livro que o autor lhe confiou. O que não quer dizer que não existam exceções a essa regra. Até porque muitas editoras tem um catálogo muito diversificado. Além disso, o próprio processo de seleção de obras a serem publicadas varia ao longo do tempo.

Além das questões profissionais, não se pode esquecer de que o agente é pago para exercer essa atividade. Nesse sentido, o agente ou a agência recebe uma porcentagem, de valor variado, para cada contrato que o autor assina. Algumas agências cobram uma taxa de entrada, e outras não. Alguns agentes e agências irão cobrar para realizar a leitura crítica de um manuscrito, outros não. Por fim, as despesas de viagem também podem ou não ser incluídas no pagamento. De qualquer forma, nem sempre essas despesas extras serão reembolsadas depois de o contrato ter sido assinado. Como o custo de ser representado por um agente é alto, isso pode ter impacto no surgimento e desenvolvimento dessa atividade profissional de modo que o historiador precisa levar esse fato em conta.

Por tudo o que foi dito, vemos que a definição do que é um agente literário e quais são suas funções variam de acordo com a época e com o lugar em que ele atuou ou atua. Isso impede a elaboração de uma definição que seja universalmente válida. O historiador que desejar estudar um agente literário deverá examinar o modo como esses profissionais atuam no período escolhido e, ainda mais, na região a ser estudada.

O agente literário como objeto de pesquisa

De um ponto de vista historiográfico, o estudo da figura do agente literário tem despertado pouco interesse. Atuando como um intermediário nas relações entre o autor e a editora, no que diz respeito à História do Livro e, de forma mais específica, em relação a sua inserção no circuito de comunicação, o estudo do agente literário deveria ter como ponto central a análise do desenvolvimento dessas relações, não só no que diz respeito a sua atuação como agente, mas também na sua relação com o escritor. Além das atividades elencadas anteriormente, podemos examinar a sua atuação como revisor e crítico, no sentido de que ele pode levar o autor a realizar alterações no obra que possam contribuir para que ela seja aceita para publicação. O que, acreditamos, precisa ser mais bem investigado.

De forma mais ampla, temos os estudos globais que envolvem o aparecimento e o desenvolvimento das atividades desse profissional numa região e/ou num período específico. Um trabalho importante sobre o assunto é o livro *The Professional Literary Agent in Britain, 1880-1920*, de Mary Ann Gillies. É uma obra que serve de modelo para todos os que desejam estudar a surgimento e o desenvolvimento dessa atividade dentro de um país. Outra obra importante sobre o assunto é o *The Author's Empty Purse and the Rise of the Literary Agent*, de James Hepburn. Por fim, o *Merchants of Culture*, de John B. Thompson, dedica um capítulo ao surgimento e atuação dos agentes.

Assim, uma linha de pesquisa a ser desenvolvida é a do surgimento e desenvolvimento da figura do agente literário e das agências literárias dentro de um determinado país a partir de um determinado recorte temporal que, dependendo de desenvolvimento do mercado editorial na região, pode ser maior ou menor do que o que seria cabível em outros lugares. De forma mais restrita, podemos estudar as atividades de uma única agência. É o caso do livro *Literary Agents in the Transatlantic Book Trade: American Fiction, French Rights, and the Hoffman Agency*, de Cécile Cottenet. O interessante desse livro é que ele estuda a questão das relações entre agências de diferentes países.

Tais pesquisas abrem caminho para dois tipos de trabalho que ainda não receberam a devida atenção. Em primeiro lugar, temos a questão dos estudos biográficos de agentes literários. A produção de biografias para os agentes literários pode contribuir para um melhor conhecimento do mercado editorial, das atividades de um escritor e, até mesmo, para o da história da publicação de determinado livro. O *Peggy: The Life of Margaret Ramsay Play Agent*, de Colin Chambers, é um exemplo desse tipo de trabalho. Até onde foi possível verificar não temos biografias desse tipo elaboradas por historiadores.

Além disso, como o estudo de sua vida vai permitir o conhecimento dos escritores com os quais trabalhou, em maior ou menor grau, isso serviria de ponto de partida para o estudo da correspondência trocada com os autores. O que, obviamente, dependeria do estado de conservação desses papéis e do acesso a essa documentação. Na contemporaneidade, com a utilização do e-mail e de outras formas de mensagem eletrônica, isso seria impossível. De qualquer forma, esse tipo de trabalho poderia levar à publicação das cartas, o que também seria importante para o estudo da vida das atividades do escritor.

É importante salientar o fato de que, nos casos dos que ainda estão atuando, os agentes e as agências não vão permitir o acesso aos documentos, nem vão fornecer maiores detalhes. Maria Lúcia Santos Daflon Gomes, em sua dissertação, apresenta as dificuldades enfrentadas por ela na realização de sua pesquisa:

Houve também uma tentativa de correspondência por correio eletrônico em busca de informações sobre os procedimentos de intermediação entre agentes e escritores brasileiros, mas somente duas respostas foram obtidas. Em uma delas Mertin deixou claro que eu poderia enviar as perguntas, mas jamais as respondeu. Em um primeiro contato ela se mostrou muito cautelosa e deixou transparecer um receio em revelar dados sobre a negociação. (GOMES, 2005, p. 100).

Ou seja, para ter maiores chances de sucesso numa pesquisa os historiadores terão que focar nos agentes que já morreram ou em agências que já não estão em atividade. Mesmo quando concordam em dar alguma informação, por diferentes razões, elas serão limitadas, até porque se trata das atividades comerciais de uma empresa ou indivíduo:

Laurence Laluniaux, o novo agente de Chico Buarque, responsável pela venda de *Budapeste* a editores do mundo inteiro, foi o único que respondeu, fornecendo algumas informações interessantes a serem comentadas a seguir. Mas ele também não deu maiores esclarecimentos sobre os mecanismos do agenciamento. (GOMES, 2005, p. 100).

Em segundo lugar, temos a questão do estudo da história de uma determinada agência literária. Isso envolveria também o estudo da vida dos agentes que trabalharam nela, a organização de uma listagem bibliográfica dos autores com os quais trabalhou e dos livros publicados. Como esse tipo de trabalho envolveria o estudo dos arquivos das agências, se é que os arquivos delas têm sido preservados, pode ser que nunca tenhamos a ter um maior desenvolvimento desse tipo de trabalho. Até porque o acesso a esses documentos também pode ser vetado, principalmente no caso das agências que ainda estão em atuação.

Por tudo o que foi dito nós podemos dizer que o estudo da figura do agente literário é de fundamental importância para o conhecimento das atividades de um escritor. Ao mesmo tempo, é imprescindível para um melhor conhecimento do funcionamento do mercado editorial e das questões referentes ao circuito de comunicação. Além disso, pode nos ajudar a entender o processo de publicação das traduções, que pode envolver as relações entre agentes de diferentes países. Com tudo isso, podemos dizer que há muito a ser explorado nessa área. Até porque as questões e problemas que envolvem esse tipo de pesquisa precisam ser discutidos, e as respostas e soluções precisam ser avaliadas para que possamos ampliar nosso conhecimento da História do Livro.

Referências

CAMPOS, Sofía de la Mora. La controvertida figura del agente literario en el mundo editorial. *Anuario de Investigación*. México DF: UAM-X, CSH, Educación y comunicación, 2007. Disponível em: https://publicaciones.xoc.uam.mx/TablaContenidoLibro.php?id_libro=278. Acesso em: 14 nov. 2020.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Maria Lúcia Santos Daflon. *Identidades refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira refletida pela tradução*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=7096@2>. Acesso em: 04 jan. 2020.

KUITERT, Lisa. O agente literário como “corretor”. Um estudo de caso sobre a literatura latino-americana e o mercado livreiro dos Países Baixos”. In: SCHAPOCHNIK, Nelson; VENANCIO, Gisele (org.). *Escrita, edição e leitura na América Latina*. Niterói: PPGHistória-UFF, 2016. p. 229-241. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/sharp/livro/>. Acesso em: 02 jan. 2020.

LAGE, Rodrigo Conçole. Um olhar sobre a História do Livro: uma crítica a noção de autoria”. *Sobre Ontens*, 13: 01-21, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/15869066/Um_olhar_sobre_a_Hist%C3%B3ria_do_Livro_Uma_cr%C3%ADtica_a_no%C3%A7%C3%A3o_de_autoria. Acesso em: 02 jan. 2020.

MOLLIER, Jean-Yves. A História do livro, da edição e da leitura: um balanço de 50 anos de trabalho. In: *Atas do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 8 a 11 de novembro de 2004. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 1-12. Disponível em: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/Mollier%201.pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

THOMPSON, John B. *Merchants of culture: the publishing business in the twenty-first century*. Cambridge: Polity press, 2010.